

## A avaliação social do “r” em coda silábica

*The social evaluation of the “r” in syllabic coda*

**Raquel Márcia Fontes Martins**

**João Vitor Lima Barbosa**

**Rita Maria Teske**

Universidade Federal de Lavras – UFLA-MG – Minas Gerais - Brasil



**Resumo:** O presente estudo investiga um dos problemas fundamentais da área de Sociolinguística, a avaliação social da linguagem (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994a, 2008), tendo como foco de análise um fenômeno de variação sonora do português brasileiro – PB, a variação do “r” em coda silábica. Exemplos de palavras em que esse fenômeno ocorre são: esporte, mercado, maior e melhor. Em específico, pesquisa-se a avaliação social da variante glotal e da variante retroflexa. Objetivou-se, verificar como os falantes avaliam tais variantes do “r”, considerando que se observa uma avaliação negativa do “r” retroflexo no PB (BOTASSINI, 2009; RENNICKE, 2011). Para proceder ao estudo, realizou-se a gravação da leitura de um texto – constituído por palavras selecionadas com “r” em coda – com um par de falantes (homem e mulher) do “r” retroflexo, provenientes de Lavras / MG, e um par de falantes (homem e mulher) do “r” glotal, oriundos de Belo Horizonte/ MG. Em seguida, submetem-se os áudios à avaliação de um grupo de avaliadores, composto por 4 falantes (2 homens e 2 mulheres) de glotal, nascidos e criados na cidade de Belo Horizonte, e 4 falantes (2 homens e 2 mulheres) de retroflexo, nascidos e criados na cidade de Lavras. Foram utilizados, como parâmetro de avaliação, os quesitos status, competência, nível de urbanização e solidariedade, propostos por Renniecke (2011). Os resultados da pesquisa confirmam a percepção de que a variante retroflexa é estigmatizada socialmente (BOTASSINI, 2009).

**Palavras-chave:** Avaliação social. Variante retroflexa. Variante glotal. Coda silábica.

**Abstract:** This study presents one of the fundamental problems in the Sociolinguistics area, the social evaluation of language (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994a, 2008), focusing its analysis on a phenomenon of sound variation in Brazilian Portuguese – BP, the variation of “r” in syllable coda. Examples of words - in Portuguese - in which this phenomenon happens are: esporte, mercado, maior and melhor. Specifically, what is researched is the social evaluation of the glottal variant and the retroflex variant. The aim was to verify how speakers evaluate said “r” variants, considering that it is observed that the retroflex “r” is negatively evaluated in BP (BOTASSINI, 2009); RENNICKE, 2011). To execute this study, a text – constituted of words with “r” in coda, selected for the research – was recorded with two speakers (a man and a woman) of the retroflex “r”, from Lavras/MG, and two speakers (a man and a woman) of the glottal “r”, from Belo Horizonte/MG. Then, the audios were evaluated by a group of evaluators, composed of 4 speakers of the glottal variant (2 men and 2 women), born and raised in Belo Horizonte, and 4 speakers of the retroflex variant (2 men and 2 women), born and raised in Lavras. As parameters for evaluation, the characteristics status, ability, urbanity level and solidarity, as proposed by Renniecke (2011). The results of this study confirm the perception that the retroflex variant is socially stigmatized.

**Keywords:** Metaphor. Social evaluation. Retroflex variant. Glottal variant. Syllabic coda.

## 1 Introdução

Este trabalho investiga um problema fundamental da área de Sociolinguística, a avaliação social da linguagem ou o problema da avaliação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994a, 2008), focalizando um fenômeno de variação sonora do português brasileiro – PB: a variação do “r” em coda silábica. Em específico, avaliam-se duas variantes dos róticos, a variante retroflexa [ɻ] e a variante glotal [h], em final de sílaba, seja no meio ou no final da palavra, como nas palavras “marca” e “mar”, respectivamente. Objetiva-se verificar como os falantes avaliam tais variantes do “r”.

Considera-se, nesta pesquisa, como mencionado, o problema da avaliação (*evaluation problem*), proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968). Os autores afirmam que a língua se apresenta em uma heterogeneidade sistemática, ou seja, a língua apresenta variação e mudança, mas de modo ordenado. Para orientar o estudo da variação e da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog propõem que se considerem os seguintes *problemas empíricos*, além do citado *problema da avaliação*: o *problema da restrição*, que se refere à busca por princípios universais que governariam a estrutura e a mudança linguística; o *problema do encaixamento*, que diz respeito a como um fenômeno linguístico variável se articula com fatores linguísticos e sociais; o *problema da transição*, que se relaciona ao modo como um fenômeno de variação ou mudança se propaga de um estágio para outro na língua e na sociedade (gerações, grupos sociais); e o *problema da implementação*, que remete à maneira como a estrutura linguística se transforma ao longo do tempo.

O presente estudo focaliza o problema da avaliação, como dito. Este problema se refere ao julgamento de formas linguísticas em variação pelos falantes, o qual poderia favorecer ou não um fenômeno de mudança. Investiga-se a avaliação das duas variantes dos róticos citadas: a retroflexa [ɻ] e a variante glotal [h]. É importante ressaltar que trabalhos apontam a avaliação negativa do “r” retroflexo no PB

(BOTASSINI, 2009; RENICKE, 2011). Este trabalho irá investigar, também, essa avaliação do “r” retroflexo.

A fim de conduzir o estudo, realizou-se um experimento em que foi gravada a leitura de um texto – constituído por palavras com “r” em coda, selecionadas para esta pesquisa – com falantes do “r” retroflexo (um homem e uma mulher), provenientes de Lavras / MG, e com falantes do “r” glotal (um homem e uma mulher), oriundos de Belo Horizonte/ MG. Na sequência, submeteram-se os áudios ao julgamento de um grupo de avaliadores, composto por 4 falantes (2 homens e 2 mulheres) de glotal, nascidos e criados na cidade de Belo Horizonte, e 4 falantes (2 homens e 2 mulheres) de retroflexo, nascidos e criados na cidade de Lavras. Estes falantes avaliaram os áudios, tendo como referência os quesitos status, competência, nível de urbanização e solidariedade, propostos por Renniecke (2011).

Embasado na teoria sociolinguística, principalmente, este estudo tem como pressuposto que a variação e a mudança são inerentes à língua e conferem a ela a citada “heterogeneidade estruturada” (cf. WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968). Assim, nossa discussão será em torno de como diferentes formas linguísticas são percebidas e avaliadas por falantes em contexto sociocomunicativo. Investiga-se, inclusive, a valoração social negativa atribuída à variante retroflexa, como dito, de modo que se reflete sobre o estigma, tratado, principalmente, ora como avaliação social negativa da linguagem (LABOV, 2008), ora como preconceito linguístico (BAGNO, 2009) na literatura.

Na próxima seção, apresentamos uma discussão teórica sobre a avaliação social da linguagem e sobre o “r” em coda silábica no português. Em seguida, passamos à metodologia utilizada na pesquisa. Depois, apresentamos a análise dos dados coletados e, por fim, tecemos as considerações finais deste trabalho.

## 2 Avaliação social da linguagem

Este estudo investiga a avaliação social (LABOV, 1994a, 2008) relacionada a um fenômeno de

variação sonora do português brasileiro – PB, a variação do “r” em coda silábica, focalizando duas variantes: a variante retroflexa [ɻ] e a variante glotal [h]. Considera-se, assim, o problema da avaliação (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968), que se refere ao julgamento de formas linguísticas em variação pelos falantes.

A fim de tratar a questão da avaliação social da linguagem, primeiramente, abordemos um estudo realizado por Labov (2008), no qual o problema da avaliação é evidenciado. O pesquisador realizou um estudo em lojas de departamento na cidade de Nova York, a Saks, a Macy’s e a S. Klein, no ano de 1962, com o objetivo de analisar a estratificação social e estilística do uso do “r” retroflexo em posição final e pré-consonantal, configurado como variante de prestígio no inglês de Nova York.

As lojas Saks, Macy’s e S. Klein eram, na época da pesquisa, socialmente estratificadas, com produtos e serviços que atendiam à classe mais alta, à classe média e à classe mais baixa, na ordem em quem foram mencionadas. O teste consistia em perguntar às pessoas sobre a localização de um determinado departamento que se encontrava no quarto piso. A resposta esperada seria, em inglês, *fourth floor*.

O resultado do estudo comprova a estratificação social e estilística da variante, já que a maior incidência de uso do “r” retroflexo ocorreu na loja Saks, de classe média alta, seguida pela Macy’s, de classe média baixa, e, por fim, pela S. Klein, de classe mais baixa, em que a frequência de uso da variante de prestígio foi significativamente menor.

O estudo foi repetido, posteriormente, por Fowler (1986). Nessa época, a loja S. Klein já havia fechado, tendo sido substituída pela May’s, de mesmo *status*. O resultado foi basicamente o mesmo (LABOV, 1994; 2008).

Podemos notar, nesse contexto, que a avaliação da linguagem é motivada socialmente. Uma evidência disso é o fato de esse mesmo “r” retroflexo, variante prestigiada no inglês de Nova York, ser uma variante estigmatizada no português. No próprio inglês, em períodos diferentes, o uso do “r” foi avaliado de modo diferente. No início do século XIX, a atribuição

de prestígio em relação ao uso do “r” nos Estados Unidos era o oposto do que foi verificado nos anos de 1960, quando do experimento de Labov. Isto é, a ausência do “r” era a variante mais prestigiada, em virtude de ser essa pronúncia praticada na Inglaterra, então um dos maiores centros de influência econômica mundial.

Ainda sobre a questão da avaliação com foco na variável “r”, há um trabalho bastante interessante realizado por Botassini (2009). A autora conduziu um experimento com o objetivo de analisar as crenças e as atitudes de informantes residentes na cidade de Maringá, no interior do Paraná, em relação aos róticos, isto é, às variantes da variável “r” – retroflexo, tepe, velar, vibrante alveolar múltiplo e apagamento.

Foram entrevistados dez informantes, dentre maringenses, cariocas e gaúchos. Os dados analisados mostraram que alguns dos informantes maringenses, falantes nativos da variante retroflexa, evitaram-na nas situações mais formais da entrevista. Verificou-se que, no momento da leitura, parte mais monitorada da entrevista, não houve nenhum caso de apagamento do “r”, sendo que esse fenômeno já havia ocorrido na fala de praticamente todos os informantes nos momentos menos formais da entrevista. Quanto ao teste de crenças, quatro entre os seis informantes maringenses avaliaram negativamente a variante retroflexa, embora sendo falantes dela – o que configura, segundo Botassini (2009, p. 101), “um caso de deslealdade linguística”.

Além disso, concluiu-se dessa pesquisa que alguns informantes associam a linguagem utilizada por um indivíduo à sua cultura, personalidade, caráter, assim sendo, associam a linguagem ao ser social.

Outro estudo relevante sobre a questão em tela foi realizado por Rennie (2011). Foi feita uma pesquisa na cidade de Belo Horizonte, com o objetivo de analisar a avaliação social da variante retroflexa que ocorre em coda silábica. Para isso, foram gravados quatro informantes, uma dupla de falantes da variante retroflexa [ɻ] – um homem e uma mulher – e uma dupla de falantes do “r” glotal [h] – também um homem e uma mulher. Em seguida, esses áudios foram submetidos à avaliação de outro grupo,

composto de setenta e sete informantes. Esses informantes avaliaram a fala dos falantes gravada em áudio em termos de cinco quesitos: status, competência, nível de urbanização e solidariedade. Essa análise foi baseada em uma escala de um a cinco pontos. Os falantes que receberam as menores pontuações foram aqueles de pronúncia retroflexa.

Como mencionado, este estudo tem como foco a avaliação social de um fenômeno de variação linguística do PB que se relaciona à origem geográfica dos falantes: a variação do “r” em coda silábica, focalizando-se o “r” retroflexo, utilizado por falantes provenientes de Lavras / MG, e o “r” glotal, usado por falantes de Belo Horizonte/ MG. É a partir da variação observada entre falantes de lugares diferentes, a exemplo dos experimentos mencionados, que investigaremos a avaliação social das formas linguísticas em análise.

## 2.2 O “r” em coda silábica no PB

Os fenômenos alvos de avaliação social negativa ou preconceito linguístico são aqueles que estão no nível da consciência, ou seja, são fenômenos percebidos pelos falantes (LABOV, 2008). Segundo Labov (2008), há uma correlação entre nível de consciência e traços variantes da língua, cuja classificação se divide em três tipos: traço indicador, traço marcador e o estereótipo. De acordo com o autor, o traço indicador opera num nível inconsciente e está relacionado aos elementos linguísticos sobre os quais há pouca força avaliativa, havendo diferenciação social desses elementos em função de fatores como idade, região ou grupo social, mas não em função de alternância estilística; o traço marcador, também operando num nível inconsciente, está relacionado a estratificações sociais e estilísticas, podendo ser detectado em testes de avaliação subjetiva; os estereótipos, por sua vez, são formas reconhecidas pelos falantes e sobre as quais há avaliação social (LABOV, 2008; SEVERO, 2008).

Assim, o “r” retroflexo pode ser enquadrado na categoria estereótipo, pelo fato de ser identificado pelos falantes e ser passível de avaliação social. Tanto

é que ele é popularmente conhecido como o “r” caipira. Outra evidência de que o segmento se situa na categoria estereótipo são os resultados da pesquisa de Rennie (2011), já citados anteriormente – e em cuja metodologia estamos nos baseando neste trabalho – que mostram o grau de estigma a que a variante retroflexa está sujeita.

Passemos, agora, a tratar mais especificamente dos róticos do português que interessam a esta pesquisa. Dentro da categoria dos róticos, há (i) a variante retroflexa alveolar [ɻ], que é produzida com breve obstrução do trato vocal, sendo o articulador ativo o ápice da língua e o articulador passivo, os alvéolos. Ela é produzida com o véu palatino levantado e a glote fechada. Há a (ii) variante fricativa glotal [h], produzida com obstrução parcial (fricção) do trato vocal, sendo os músculos da glote os articuladores. É produzida com o véu palatino levantado e a glote fechada. Há a (iii) variante fricativa velar [x], produzida com obstrução parcial (fricção), sendo o articulador ativo a parte posterior da língua e o articulador passivo, o palato mole. É produzida com o véu palatino levantado e a glote fechada. Há a (iv) variante tepe alveolar [r], sendo o articulador ativo o ápice da língua e o articulador passivo, os alvéolos. É produzida com o véu palatino levantado e a glote fechada. (SILVA, 2014).

É preciso destacar que, neste estudo, focalizamos dois dos róticos citados - [ɻ], [h] - na posição de final de sílaba ou de coda silábica seja em meio de palavra (como em “parte”) ou em final de palavra (como em “par”). Sendo assim, é importante salientar que o “r” em posição de coda silábica no meio e no fim da palavra pode assumir um som diferente do “r” em início de sílaba, na pronúncia de um grupo que compartilhe a mesma variedade dialetal. Um exemplo disso são as palavras “mar” e “rato”. Os falantes do “r” retroflexo (como falantes de Lavras – MG) pronunciarão o “r” de “mar” – que ocorre em coda silábica no final da palavra – como uma retroflexa alveolar [ɻ]. No entanto, esses mesmos falantes pronunciarão o “r” de “rato” – que ocorre em início de sílaba – como uma fricativa glotal [h]. Já os falantes da fricativa glotal [h] em final de sílaba (como falantes de

Belo Horizonte) produzirão este som (fricativa glotal) tanto em “rato” como em “mar”, ou seja, tanto em início quanto em final da sílaba.

Uma importante pesquisa sobre os róticos no PB é a de Brescancini e Monaretto (2008). Tendo como referência dados do VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul), as autoras analisam e discutem pesquisas sobre os róticos na Região Sul, concluindo que

A vibrante na fala do sul do País está condicionada pela posição na sílaba e pela localidade. Na posição de ataque, observa-se a presença de variantes com articulação na zona anterior da boca, na forma de vibrantes, fricativas e tepes, caracterizando a fala dessa região. Variantes articuladas na zona posterior não são as mais encontradas nas cidades da amostra do VARSUL, mas aparecem como fricativas velares, com frequência mais alta em Porto Alegre, Florianópolis e Londrina. Na coda, há, em posição final de palavra, a utilização de apagamento, em primeiro lugar. Já, na coda medial, a variação é mais notada, com o destaque para o tepe. (BRESCANCINI e MONARETTO, 2008, p. 64).

Neste trabalho, nos detemos na variação sonora que envolve o “r” em final de sílaba (no meio ou no final da palavra), considerando estas variantes: [ɹ], [h]. Como observado por Brescancini e Monaretto (2008) no seu estudo sobre os róticos na região Sul, cabe destacar que tal variação tem relação com a posição do “r” na sílaba (coda) e com a origem geográfica do falante (variação diatópica), de modo que, no português brasileiro, essas variantes podem ser observadas no final da sílaba da palavra, em lugares como Lavras/ MG ([ɹ]) e Belo Horizonte/ MG ([h]). As variantes [ɹ] e [h] em coda silábica serão aqui consideradas na questão de sua avaliação social da linguagem, como mencionado.

É importante ressaltar, como também apontado no estudo de Brescancini e Monaretto (2008), que outra variante do “r” em coda é o cancelamento sonoro do “r”. Este ocorre especialmente no final de verbos no infinitivo (“comer → comê”) e, ainda, em nominais (“amor → amô”). O trabalho de Huback (2003), por exemplo, oferece maiores informações sobre a variante de cancelamento do “r” de final de palavra, detendo-se em formas nominais. Ocorrências de tal variante nos dados aqui analisados serão registrados, contudo, não receberão foco.

### 3 Metodologia

Baseamos nossa metodologia na Sociolinguística (LABOV, 1994, 2008) e no trabalho de Rennieke (2011), principalmente, conforme já mencionamos. Em sua pesquisa, a autora gravou a leitura de uma carta por quatro informantes (1 par de falantes da variante retroflexa e 1 par de falantes da variante glotal) – a exemplo do que faremos nesta pesquisa. Esses pares foram selecionados simetricamente, isto é, compostos de um informante do sexo masculino e outro do sexo feminino. Feito isso, os áudios foram submetidos à avaliação de outro grupo de informantes – 77 no total. Esse segundo grupo avaliou o primeiro grupo de informantes – os que haviam gravado a leitura da carta – em termos de status, competência, nível de urbanização e solidariedade. Nesse momento da pesquisa, os informantes/avaliadores, após ouvirem cada gravação, foram instruídos a marcar numa escala de um a cinco a característica que, segundo eles, mais se relacionava com o leitor da carta, a escala 1, representando a característica socialmente mais desejável (inteligente, por exemplo) e, a escala 5, representando a característica socialmente menos desejável (estúpido, por exemplo). Abaixo, apresentamos, no Quadro 1, os pares de características opostas (concept pair), utilizados pelos informantes/avaliadores de Rennieke (op. Cit) e pelos nossos na avaliação das gravações:

Quadro 1: Pares de características opostas (concept pair)

Dimensões	Pares opostos
Status	<i>classe alta – classe baixa</i>
	<i>prestigiado – pouco prestigiado</i>
	<i>rico – pobre</i>
Competência	<i>língua correta – língua incorreta</i>
	<i>inteligente – estúpido</i>
	<i>culto – inculto</i>
Nível de urbanização	<i>da capital – do interior</i>
	<i>urbano – caipira</i>
Solidariedade	<i>honesto – desonesto</i>
	<i>amável – pouco amável</i>
	<i>trabalhador – preguiçoso</i>
	<i>generoso – egoísta</i>

Cumpramos ressaltar que o conteúdo da carta lida foi o mesmo e, exceto por algumas hesitações, que foram devidamente analisadas, a única variação observada entre as gravações foi o uso do “r” retroflexo e o uso do “r” glotal. O objetivo foi analisar a valoração social das variantes glotal e retroflexa.

Na nossa pesquisa, estribados na metodologia de Rennie (op. Cit), fizemos o mesmo teste para analisar a avaliação social relacionada ao “r” de final de sílaba que envolve as variantes [ɹ] e [h]. Seguindo os moldes da pesquisa de Rennie (op. Cit), selecionamos dois pares de falantes (1 par de falantes do “r” retroflexo [ɹ] – um homem e uma mulher – e 1 par de falantes do “r” glotal [h] – um homem e uma mulher) para gravar a leitura de uma mesma carta (como já mencionamos).

O par de falantes de “r” retroflexo [ɹ] foi composto de pessoas nascidas e criadas na cidade de Lavras – MG; já o par de falantes de “r” glotal [h] foi composto de pessoas nascidas e criadas na cidade de Belo Horizonte – MG.

Em seguida, selecionamos 8 pessoas para serem os informantes/avaliadores: 4 falantes de glotal, nascidos e criados na cidade de Belo Horizonte – MG, e 4 falantes de retroflexo, nascidos e criados na cidade de Lavras – MG. Note-se que selecionamos dois grupos de informantes, isto é, um grupo de falantes de glotal e um grupo de falantes de retroflexo, pelo fato de prevermos uma avaliação diferente de cada um destes

grupos em relação aos áudios, uma vez que eles avaliariam tanto a própria variante quanto uma variante diferente. Nesse sentido, nosso objetivo foi analisar como os falantes de glotal avaliariam a variante retroflexa e a própria variante (glotal), e como os falantes de retroflexo avaliariam a variante glotal e a própria variante (retroflexa).

Desses 4 falantes das duas variantes, participaram 2 homens e 2 mulheres. Estes informantes receberam um questionário com os pares de conceitos opostos, conforme foi apresentado no quadro acima, e também um questionário social, com perguntas relativas a eles mesmos, como sexo, local de nascimento, local de residência e faixa etária.

Esse teste se dividiu em dois momentos: o primeiro momento consistiu na leitura de uma carta (Anexo A) com palavras que interessam a esta pesquisa; em um segundo momento, as gravações dessas leituras foram avaliadas pelos informantes/avaliadores, a exemplo do que foi feito na pesquisa de Rennie (op. Cit). A gravação da leitura da carta foi realizada com gravador digital Sony (ICD – PX240/4GB). Em média, a gravação com cada informante durou 3 minutos. Essas gravações foram conferidas, em análise auditiva, quanto à realização das variantes de “r” em foco. Constatou-se o emprego dessas variantes nas gravações e, em seguida, estas foram submetidas aos informantes/avaliadores que as analisaram segundo os pares de características opostas mencionados.

Cada dupla de falantes de cada variante (1 homem e 1 mulher) leu a carta, na qual se encontrava um total de 47 ocorrências de palavras com “r” em posição de coda silábica, ou seja, em final de sílaba. No entanto, nem todas essas palavras foram aqui consideradas. Para este estudo, tivemos como referência o fator frequência da palavra (BYBEE; HOPPER, 2001), de modo que selecionamos as palavras em um corpus abundante do português, o corpus do LAEL, considerando o LAEL/ Escrita que apresenta número muito maior de ocorrências (Cf. <<http://www2.lael.pucsp.br/corpora/>>). Os registros escritos são em número muito maior no corpus do LAEL: em um total de 1.182.994 palavras, enquanto

985.093 (83%) advém de registros de escrita, apenas 197.901 (17%) são provenientes da fala. Esse corpus mostra, em ordem crescente, a frequência de ocorrência das palavras, em números absolutos. Por exemplo, a palavra mais frequente desse corpus, a que aparece em primeiro lugar, é o item “de” com 1.537.460 ocorrências.

Considerando assim o fator frequência, selecionamos, no LAEL, 5 palavras mais frequentes com “r” em coda silábica no meio da palavra e 5 palavras menos frequentes com “r” em coda silábica no meio da palavra; 5 palavras mais frequentes com “r” em coda silábica no final da palavra e 5 palavras menos frequentes com “r” em coda silábica no final da palavra. É importante destacar que, na seleção dessas palavras mais frequentes, foram observadas palavras de alta frequência na lista do LAEL e, não necessariamente, as palavras de maior frequência no corpus. Isso por que as palavras mais frequentes no LAEL são influenciadas pelos suportes de texto que compõem esse corpus, o que, aliás, ocorre com os corpora de língua em geral (BERBER SARDINHA, 2004). Por exemplo, um jornal de grande circulação no país é um dos suportes mais significativos no LAEL. Acredita-se que, por essa razão, uma palavra como “editoria” figura na posição 29 (segundo substantivo mais frequente desse corpus), à frente, por exemplo, da palavra “mundo” (na posição 92), que possivelmente seria mais frequente do que “editoria”, se não houvesse esse efeito do texto jornalístico no LAEL.

Já a seleção das palavras menos frequentes deste estudo envolveu a escolha de itens lexicais de baixa frequência (até 50 ocorrências), tendo em vista que os itens com a menor frequência realmente (1 ocorrência) são muito raros na língua, apresentando grande probabilidade de não serem conhecidos pelos falantes. Esse fato é observado também nos corpora linguísticos em geral (BERBER SARDINHA, 2004).

Assim, no total, avaliamos 20 palavras neste estudo (10 mais frequentes e 10 menos frequentes). As palavras selecionadas são apresentadas no Anexo B, com suas respectivas posições e frequências no LAEL.

Abordados os procedimentos metodológicos desta pesquisa, passemos a tratar da análise e discussão dos resultados, o que é realizado na seção seguinte.

#### 4 Análise

A pesquisa de campo foi realizada com cada informante, individualmente, e consistiu, como já mencionado, na avaliação de áudios que continham gravações de uma carta com forma e conteúdo idênticos. Para esta avaliação, foram utilizados como critérios os quesitos contidos no Quadro 1 apresentado na seção de Metodologia. Estes quesitos compõem quatro categorias, a saber: status, competência, nível de urbanização e solidariedade.

Além disso, foi utilizada uma escala numérica (de 1 a 5) para cada item dentro das categorias citadas. Nesta escala, o número 1 representa a característica mais desejável socialmente, e o número 5, a característica menos desejável socialmente. Neste *continuum*, o número 2 aproxima-se da característica socialmente mais desejável, o 3 representa um valor intermediário e o 4 está próximo da característica socialmente menos desejável.

Na Tabela 1, temos os resultados gerais da pesquisa que demonstram as avaliações dos informantes/avaliadores de Belo Horizonte e de Lavras. O número mostrado em cada célula indica, em porcentagem, a frequência com que cada voz foi avaliada em cada número dentro da escala de valores (de 1 a 5). Neste trabalho, os 4 informantes, cujas vozes foram avaliadas pelos outros informantes citados, são codificados da seguinte forma: M\_BH\_1 (informante mulher de Belo Horizonte), H\_BH\_2 (informante homem de Belo Horizonte); M\_L\_1 (informante mulher de Lavras), H\_L\_2 (informante homem de Lavras). Na Tabela 1, esses 4 informantes são discriminados na primeira coluna.

Tabela 1: Resultados Gerais

Vozes e pares opostos de características	Grupos de avaliadores e respectivas avaliações em porcentagem														
	Avaliadores de BH %					Avaliadores de Lavras %					Avaliadores de Lavras e BH %				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
<b>M_BH_1</b>															
Status	0	<b>50</b>	42	8	0	0	17	<b>50</b>	33	0	0	33	<b>46</b>	21	0
Competência	33	<b>42</b>	25	0	0	25	<b>50</b>	17	8	0	29	<b>46</b>	17	8	0
Urbanização	<b>38</b>	25	25	0	12	25	12	<b>38</b>	25	0	<b>31</b>	19	<b>31</b>	13	6
Solidariedade	<b>31</b>	<b>31</b>	<b>31</b>	7	0	<b>69</b>	25	6	0	0	<b>50</b>	28	19	3	0
<b>H_BH_2</b>															
Status	0	<b>42</b>	33	25	0	0	0	42	<b>58</b>	0	0	20	38	<b>42</b>	0
Competência	8	<b>50</b>	25	17	0	8	17	<b>42</b>	25	8	9	<b>33</b>	<b>33</b>	21	4
Urbanização	<b>50</b>	38	12	0	0	25	13	<b>36</b>	13	13	<b>38</b>	25	25	6	6
Solidariedade	6	<b>44</b>	6	25	19	19	<b>38</b>	31	12	0	13	<b>41</b>	19	19	8
<b>M_L_1</b>															
Status	0	0	<b>89</b>	11	0	0	8	25	<b>67</b>	0	0	5	<b>52</b>	43	0
Competência	0	33	<b>67</b>	0	0	0	25	<b>42</b>	25	8	0	29	<b>52</b>	14	5
Urbanização	0	17	17	<b>33</b>	<b>33</b>	24	13	0	<b>38</b>	25	14	14	7	<b>36</b>	29
Solidariedade	17	<b>50</b>	33	0	0	44	<b>50</b>	0	6	0	32	<b>50</b>	14	4	0
<b>H_L_2</b>															
Status	8	17	<b>75</b>	0	0	8	42	<b>50</b>	0	0	8	29	<b>63</b>	0	0
Competência	0	16	<b>42</b>	<b>42</b>	0	<b>50</b>	34	8	8	0	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	0
Urbanização	0	0	12	<b>63</b>	25	<b>38</b>	<b>38</b>	25	0	0	19	19	19	<b>30</b>	13
Solidariedade	6	31	<b>44</b>	19	0	19	<b>50</b>	31	0	0	13	<b>41</b>	38	8	0

\*Os números em negrito representam a maior porcentagem para cada categoria

Faremos a análise da Tabela 1 em duas partes. Na primeira parte, analisaremos os dados referentes às vozes de mulheres: M\_BH\_1 e M\_L\_1, de Belo Horizonte e de Lavras, respectivamente. Em uma segunda parte, analisaremos os dados referentes às vozes dos homens: H\_BH\_2 e H\_L\_2, também respectivamente, de Belo Horizonte e de Lavras.

Assim, tratando da primeira parte da análise, a parte da Tabela 1 que indica a avaliação dos informantes/avaliadores de Belo Horizonte mostra-nos que, na categoria status, M\_BH\_1 foi mais bem avaliada do que a M\_L\_1, visto que, nos números 1 e 2 da escala, a primeira atingiu 50%, enquanto que a segunda atingiu 0%, nesses números. Na categoria competência, nos números 1 e 2 da escala, também observamos a mesma tendência, tendo M\_BH\_1 atingido 75%, somadas as porcentagens, e M\_L\_1,

apenas 33%. Em urbanização, M\_BH\_1 alcançou 63% nos números da escala 1 e 2, contra 17% de M\_L\_1. Vale ressaltar que, nos números 4 e 5 da escala, que indicam menor prestígio, ainda na categoria "nível de urbanização", M\_L\_1 atingiu 66%, ao passo que M\_BH\_1 atingiu apenas 13%. Já na categoria solidariedade, nos números 1 e 2 da escala, M\_L\_1 sobrepuiu ligeiramente M\_BH\_1, atingindo 67% contra 62%. Rennieke (Op. Cit.), ressalta que, falantes do interior tendem a ter melhor avaliação em solidariedade.

Na avaliação dos informantes/avaliadores de Lavras, mais uma vez M\_BH\_1 foi mais bem avaliada em status, tendo atingido 17% nos números 1 e 2 da escala, contra 8% para M\_L\_1. Em competência, a tendência repetiu-se, tendo M\_BH\_1 atingido 75%, nos números 1 e 2 da escala, contra 25% de M\_L\_1.

Já em urbanização e solidariedade, ambas as informantes receberam exatamente a mesma avaliação, como se pode observar no quadro.

Dentro do quadro da avaliação geral, isto é, considerando as informantes/avaliadores de Belo Horizonte e de Lavras juntos, obtivemos os seguintes resultados médios: em status, M\_BH\_1 atingiu 79% das avaliações entre os números 2 e 3 da escala; já M\_L\_1, nos mesmos números, atingiu 54% - considerando que ambas obtiveram 0% no número 1. Em competência, M\_BH\_1 atingiu 75% das avaliações nos números 1 e 2 da escala, contra 29% nos mesmos números de M\_L\_1. Em termos de urbanização, M\_BH\_1 obteve 50% das avaliações nos números 1 e 2 da escala, contra 28% de M\_L\_1. Em solidariedade, M\_L\_1 sobrepujou ligeiramente M\_BH\_1, obtendo 82%, nos números 1 e 2 da escala, contra 78%.

Da comparação das avaliações dos informantes de Belo Horizonte e de Lavras, podemos concluir que os informantes/avaliadores de Belo Horizonte consideraram a fala de M\_BH\_1 superior à de M\_L\_1 em termos de status, competência e nível de urbanização; em termos de solidariedade, a avaliação para ambas as mulheres foi praticamente a mesma. Na avaliação dos informantes/avaliadores de Lavras, obtivemos resultados semelhantes, tendo M\_BH\_1 sido mais bem avaliada que M\_L\_1 nas categorias “status” e “competência” – mas não em “nível de urbanização” e “solidariedade”, no que difere da avaliação de Belo Horizonte. Esses dados indicam que a variante retroflexa representa relativamente menos prestígio que a variante glotal para estes informantes/avaliadores, o que remete, em certa medida, à “deslealdade linguística”, apontada por Botassini (2009), no seu estudo sobre os róticos em Maringá.

Na avaliação geral dessa primeira parte da análise, conclui-se que M\_BH\_1 obteve melhores resultados do M\_L\_1 em todas as categorias de avaliação, exceto na categoria solidariedade, o que sugere que há um prestígio maior em relação à variante glotal.

Passando agora à segunda parte da análise, considerando a Tabela 1, analisamos a voz dos

homens: H\_L\_2 e de H\_BH\_2, de Lavras e de Belo Horizonte respectivamente. Na avaliação dos informantes/avaliadores de Belo Horizonte, o informante H\_BH\_2, nos números 1 e 2 da escala da categoria status, alcançou 42% e o informante H\_L\_2, 25%. No entanto, é importante ressaltar que, no número 3 da escala, que indica uma avaliação intermediária, H\_L\_2 alcançou 75% das avaliações e 0% das avaliações nos números 4 e 5, o que indica que sua fala não foi considerada nem prestigiada e nem estigmatizada nessa categoria. Na categoria competência, H\_BH\_2 alcançou 58%, nos números 1 e 2 da escala, enquanto que H\_L\_2 alcançou apenas 16%, tendo obtido, no entanto, 42% das avaliações no número 3. A maior discrepância, no entanto, pode ser observada na categoria “nível de urbanização”, nos números 1 e 2 da escala, em que H\_BH\_2 obteve 88% das avaliações, enquanto que H\_L\_2 não obteve nenhuma, ficando com 0% das avaliações. Já em solidariedade, H\_BH\_2 foi avaliado com 50% nos números 1 e 2 da escala, enquanto que H\_L\_2 foi avaliado com 37% nos mesmos números.

Na avaliação dos informantes/avaliadores de Lavras em relação aos homens, nota-se que, em status, nos números 1 e 2 da escala, H\_BH\_2 não obteve nenhum ponto, ficando com 0% das avaliações, enquanto que H\_L\_2 obteve 50% nos mesmos números. Em termos de competência, H\_BH\_2 atingiu 25% nos números 1 e 2 da escala, ao passo que H\_L\_2 atingiu 84%. Na categoria “nível de urbanização”, H\_BH\_2 obteve 38% das avaliações, enquanto que H\_L\_2 obteve o dobro, ficando com 76% das avaliações. Em solidariedade, H\_BH\_2 alcançou 57%, e H\_L\_2, 69%. Nota-se, nesta avaliação, uma tendência inversa – em todas as categorias – em relação à avaliação das vozes femininas considerando avaliadores de Lavras.

Nessa segunda parte da análise, em termos de avaliação geral, isto é, considerando-se os avaliadores de Lavras e de Belo Horizonte, H\_BH\_2, nos números 1 e 2 da escala, na categoria “status”, atingiu 20%, e H\_L\_2, 37%. Em competência, a voz de H\_BH\_2 alcançou 42%, contra 50% de H\_L\_2. Em nível de urbanização, a voz de H\_BH\_2 atingiu 63%, e a de

H\_L\_2, 38%. Em solidariedade, o resultado foi o mesmo: ambas as vozes atingiram 54%.

Nessa segunda análise, concluímos que, na avaliação dos informantes/avaliadores de Belo Horizonte, H\_BH\_2 foi mais bem avaliado que H\_L\_2 em todas as categorias. Já na avaliação de Lavras, podemos notar uma tendência inversa, tendo H\_L\_2 sido mais bem avaliado que H\_BH\_2 em todas as categorias. Forjamos a hipótese de que isso tenha se dado pelo fato de a leitura de H\_BH\_2 ter apresentado mais hesitações, mais “erros” – de acordo com a gramática tradicional – e tom mais monótono. Nesse sentido, os avaliadores de Lavras teriam dado mais atenção à entonação e à fluência da leitura do que à variável “r” utilizada.

Assim, podemos supor que, diante de uma leitura mais fluente, mais adequada e com um ritmo mais acurado, a avaliação da variante tenha ficado em segundo plano para os avaliadores de Lavras. A hipótese que formulamos é de que isso se justifica pelo fato de esses avaliadores também serem falantes de retroflexo e tenderem a ter um nível menor de estigma em relação à própria variante (LABOV, 2008), o que resultaria numa neutralização ao analisar o próprio “r”, contribuindo para essa neutralização, o fato de a leitura ter sido mais fluida e mais correta, como mencionamos. Do mesmo modo, levando em consideração esse menor nível de estigma ao avaliar a própria variante, supomos que os avaliadores de Belo Horizonte não avaliaram negativamente H\_BH\_2 – em razão da leitura menos fluente – pelo fato de ele ser falante da mesma variante que eles. Ou seja, nesse caso, notou-se uma tendência de haver menor estigma na avaliação da própria variante. No entanto, além das hipóteses que formulamos, acreditamos serem necessárias mais investigações e sugerimos que essa questão seja objeto de futuras pesquisas.

No que diz respeito à diferença verificada na avaliação de avaliadores informantes do sexo masculino e do sexo feminino (ver Anexo C), nota-se, num contexto geral, que as vozes foram mais bem avaliadas pelos homens do que pelas mulheres, já que eles concentraram suas avaliações mais nos valores mais à esquerda (1 e 2) de cada categoria.

Levantamos a hipótese de que isso se justifica pelo fato de as mulheres tenderem a ser mais conservadoras linguisticamente do que os homens (LABOV, 2008; MOLLICA, 2013).

Os dados analisados neste trabalho apontam, de fato, para a importância de se considerar o problema da avaliação, proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968), em fenômenos de variação linguística. No caso do fenômeno em estudo, a variação do “r” em coda silábica, envolvendo as variantes glotal e retroflexa, como também observado, por exemplo, nos estudos de Botassini (2009) e Rennieke (2011), a variante retroflexa recebe maior avaliação negativa, ou seja, apresenta estigma nos dados em geral. Até mesmo a situação de “deslealdade linguística”, apontada por Botassini (2009), ocorreu nos dados aqui obtidos, no caso das mulheres falantes de retroflexo que avaliaram os falantes dessa variante de modo negativo. Os dados indicam que o “r” retroflexo pode ser enquadrado na categoria estereótipo, de Labov (2008), tendo em vista o estigma a que a variante retroflexa está sujeita.

## 5 Considerações Finais

O presente estudo investigou um problema fundamental da área de Sociolinguística, a avaliação social da linguagem ou o problema da avaliação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1994a, 2008), focalizando um fenômeno de variação sonora do português brasileiro – PB: a variação do “r” em coda silábica (medial, por exemplo, em “mercado”, e final, em “maior”). Em específico, consideraram-se duas variantes dos róticos, a variante retroflexa [ɻ] e a variante glotal [h], faladas, respectivamente, em Lavras – MG e Belo Horizonte – MG. Objetivou-se verificar como os falantes avaliam tais variantes do “r”.

Para essa investigação, realizou-se um experimento em que foi gravada a leitura de um texto – constituído por palavras com “r” em coda – com falantes do “r” retroflexo (um homem e uma mulher), provenientes de Lavras / MG, e com falantes do “r” glotal (um homem e uma mulher), oriundos de Belo Horizonte/ MG. Na sequência, submeteram-se os

áudios ao julgamento de um grupo de avaliadores, composto por 4 falantes (2 homens e 2 mulheres) de glotal, nascidos e criados na cidade de Belo Horizonte, e 4 falantes (2 homens e 2 mulheres) de retroflexo, nascidos e criados na cidade de Lavras. Estes falantes avaliaram os áudios, tendo como referência os quesitos status, competência, nível de urbanização e solidariedade, propostos por Rennieke (2011).

Os resultados deste estudo indicaram que as variantes retroflexa e glotal da variável “r” são valoradas de modos diferentes nas comunidades de fala em que foi conduzida a pesquisa. Dessa maneira, o problema da avaliação (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968) se mostrou relevante para o fenômeno de variação linguística em análise.

A diferença observada sugere-nos que a variante glotal goza de mais prestígio social tanto na comunidade de fala de Lavras quanto na de Belo Horizonte, uma vez que os falantes do “r” glotal foram, percentualmente, mais bem avaliados do que os falantes de retroflexo, principalmente em termos de status, competência e urbanização, segundo indicam os dados. Conforme se abordou aqui, estudos como o de Rennieke (2011) e o de Botassini (2009), apontam que a variante retroflexa é passível de uma avaliação social negativa. Nesse sentido, os dados deste trabalho vêm confirmar o que pesquisas sobre avaliação do “r” retroflexo têm encontrado.

## Referências

- ALKMIN, Tania Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (Org.). *Introdução à linguística – domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 40.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 3. ed. São Paulo, SP: Parábola, 2009. 238 p. (Educação linguística; 1).
- BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso de róticos. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 12, n. 1, p. 85-102, 2009.

- BRESCANCINI, Claudia ; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. Os Róticos no Sul do Brasil: panorama e generalizações. *Signum: Estudos de Linguagem*, v. 11, p. 49-64, 2008. Disponível em: <[www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewArticle/3041](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewArticle/3041)>. Acesso em: 01 de jul. 2016.
- BYBEE, Joan L.; HOPPER, Paul J. (Ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. John Benjamins Publishing, 2001.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LCT. 1988.
- HUBACK, Ana Paula da Silva. *Cancelamento do (r) final em nominais na cidade de Belo Horizonte: uma abordagem difusionista*. 2003. (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell, 1994a. v. 1: Social factors.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell, 1994b. v. 2: Internal factors.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 389 p. [LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.]
- LAEL. *Corpus digital de língua portuguesa*. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/corpora/>>. Acesso em 26 de fev. 2016.
- LAMBERT, W. E.; ANISFELD, M. & YENI-KOMASHIANI, G. *Evaluational reactions of Jewish and Arab adolescents to dialect and language variations*. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1965, 2, 84-90.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo, SP: Contexto, 2008. 254 p.
- MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2013. 200 p.
- RENNICKE, Iiris. The retroflex r of Brazilian Portuguese. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto – Nº 1 – Vol. 6 – 2011 – 149 – 170*.
- RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de Letras da UFF*, p. 45-56, 2008.
- RUTER, Weston. *The International Phonetic Alphabet (revised to 2005)*. Disponível em <http://westonruter.github.io/ipa-chart/keyboard/>. Acesso em: 01 de jul. 2016.

SEVERO, Cristine Gorski. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. *Voz das Letras*, p. 01-17, 2008.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética & Fonologia*. Disponível em: [http://www.fonologia.org/fonetica\\_consoantes.php](http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php). Acesso em: 01 de jul. 2016.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2008. 275 p.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo, SP: Parábola, 2006. 151 p. [WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188].

#### COMO CITAR ESSE ARTIGO

MARTINS, Raquel Márcia Fontes. A AVALIAÇÃO SOCIAL DO "R" EM CODA SILÁBICA. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 71, set. 2016. ISSN 1982-2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7226>. Acesso em: \_\_\_\_\_ .  
doi: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v41i71.7226>.



**ANEXO A** – Carta lida pelos informantes, com as palavras em análise, retiradas do corpus LAEL, em negrito:

Porto Alegre, 12 de março de 2014.

Querida Marcela,

Escrevo para contar as últimas novidades. Voltei a praticar **esporte**, finalmente! Isso **porque** fui ao médico e ele recomendou que eu começasse o mais rápido possível. O **maior** problema é encontrar tempo, como você sabe. Mas tenho conseguido um horário à **tardinha**. É o **melhor** período do dia para mim. Estou frequentando aquela academia em frente ao **mercado** central. Nos exercícios, a **parte** mais difícil são os abdominais. Para mim, é **torturante**! Levantar peso também é duro! Esses dias exagerei na dose: peguei muito peso – mais de vinte quilos –, minha pressão baixou e achei que fosse **desmaiar**. O que eu acho estranho é que, às vezes, quando chego da academia, sinto uma **dormência** na panturrilha. Mas tirando isso, estou até gostando. E, como o médico mesmo disse, se eu não quiser **adoecer**, tenho que me mexer!

Ah, sobre a última carta que você me mandou, posso dizer que fiquei bastante **transtornado** ao saber das novas decisões do **governo** aí em São Paulo! Então, quer dizer que seu cargo vai ser mesmo extinto e que você será transferida para outro departamento? Que pena! Você gostava tanto de onde trabalhava. Se, pelo menos, essa mudança **servisse** para aumentar seu salário, aí tudo bem, né? Mas o que se pode **fazer**?

Ah, criei um álbum no facebook, com fotos nossas quando éramos crianças. Depois dá uma **curtida** lá!

Esses dias, vi a Carla, aquela do Rio. Ela me perguntou de você. Conversamos bastante. Falamos dos bons tempos, em que íamos para aqueles shows de rock. O som era muito bom, embora **ensurdecedor**! Lembra daquele cover do Led Zeppelin? Fantástico!

Ah, sabe quem me ligou na semana passada? O Fábio! Você provavelmente soube que ele e a esposa tiveram gêmeos no ano retrasado. Agora, ele me disse que a esposa está grávida de novo, e vão ser trigêmeos desta vez! Querem é **povoar** ainda mais o mundo. Isso que é **ter** trabalho: cinco filhos pequenos! Qualquer dia, passa aqui em casa e chama o seu irmão também, senão ele vai **resmungar** (rsrs).

E como vão as coisas por aí? Como vão a Ana, o Marcos e o Júnior? Mande notícias.

Abraço,

Carlos Ferreira Barcelos

**ANEXO B** – Palavras mais frequentes e palavras menos frequentes com “r” em coda silábica no meio ou no final da palavra:

**Tabela 1:** Cinco palavras mais frequentes com “r” em coda silábica no meio da palavra

Posição ocupada da palavra no LAEL	Palavras de alta frequência	Frequência no Corpus LAEL (números absolutos)
61	Governo	45.367

121	Mercado	23.761
129	Porque	22.200
153	Parte	19.228
184	Esporte	16.752

**Tabela 2:** Cinco palavras menos frequentes com “r” em coda silábica no meio da palavra

Posição ocupada da palavra no LAEL	Palavras de baixa frequência	Frequência no Corpus LAEL
35728	Servisse	34
49646	dormência	18
50533	transtornado	18
62133	Tardinha	12
62182	Torturante	12

**Tabela 3:** Cinco palavras mais frequentes com “r” em coda silábica em final de palavra

Posição ocupada da palavra no LAEL	Palavras de alta frequência	Frequência no Corpus LAEL
39	Ser	69.639
89	Ter	31.642
117	Maior	24.534
128	Fazer	22.360
175	Melhor	17.145

**Tabela 4:** Cinco palavras menos frequentes com “r” em coda silábica em final de palavra

Posição ocupada da palavra no LAEL	Palavras de baixa frequência	Frequência no Corpus LAEL
49211	Adoecer	18
49603	Desmaiar	18
50241	Povoar	18
54507	Ensurdecedor	15
61859	Resmungar	12

## ANEXO C – Avaliação de homens e mulheres

Vozes e pares opostos de características	Grupos de avaliadores e respectivas avaliações em porcentagem														
	Mulheres %					Homens %					Homens e mulheres %				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
<b>M_BH_1</b>															
Status	0	8	6	2	0	0	5	2	1	0	0	3	4	2	0
Competência	1	5	2	0	0	4	3	1	8	0	2	4	1	8	0
Urbanização	1	2	2	2	1	5	1	3	0	0	3	1	3	1	6
Solidariedade	4	4	1	0	0	5	1	2	6	0	5	2	1	3	0
	4	4	2	0	0	6	3	5	6	0	0	8	9	3	0
<b>H_BH_2</b>															
Status	0	2	6	7	0	0	1	6	1	0	0	2	3	4	0
Competência	9	5	8	8	0	8	4	3	8	8	9	3	3	2	4
Urbanização	2	2	3	1	0	5	2	1	1	3	3	2	2	6	6
Solidariedade	0	5	1	2	1	2	3	2	1	5	1	4	1	1	9
	0	0	3	5	2	5	1	5	3	6	3	1	9	9	8
<b>M_L_1</b>															
Status	0	0	4	5	0	0	1	6	2	0	0	5	5	4	0
Competência	0	2	5	1	7	0	3	4	1	1	0	2	5	1	5
Urbanização	0	0	5	5	0	3	3	1	1	7	1	1	3	2	8
Solidariedade	2	6	0	6	0	4	2	3	0	0	3	5	1	4	0
	5	9	0	6	0	2	5	3	0	0	2	0	4	4	0
<b>H_L_2</b>															
Status	9	3	5	8	0	8	2	6	7	0	8	2	6	3	0
Competência	2	3	2	1	7	2	1	2	3	0	2	2	2	2	0
Urbanização	2	2	2	3	1	1	3	1	2	1	1	1	1	3	1
Solidariedade	5	0	5	8	2	3	8	2	5	2	9	9	9	1	2
	5	3	4	1	3	1	4	3	6	0	1	4	3	9	0
	5	8	4	3	0	9	4	1	6	0	2	1	8	9	0

## ANEXO D – Avaliação de BH e Lavras com dados agrupados nas categorias prestígio, intermediário e estigma

Vozes e pares opostos de características	Avaliadores de BH e Lavras					
	Avaliadores de BH %			Avaliadores de Lavras %		
	Prestígio	Intermediária	Estigma	Prestígio	Intermediária	Estigma
<b>M_BH_1</b>						
Status	50	42	8	17	50	3
Competência	75	25	0	75	17	8
Urbanização	63	25	1	37	38	2
Solidariedade	62	31	7	94	6	0
	62	31	7	94	6	0
<b>H_BH_2</b>						
Status	42	33	2	0	42	5
Competência	58	25	1	25	42	3
Urbanização	88	12	0	38	36	2
Solidariedade	50	6	4	57	31	1
	50	6	4	57	31	2
<b>M_L_1</b>						
Status	0	89	1	8	25	6
Competência	33	67	0	25	42	3
Urbanização	17	17	6	37	0	6
Solidariedade	67	33	0	94	0	6
	67	33	0	94	0	6
<b>H_L_2</b>						
Status	25	75	0	50	50	0
Competência	16	42	4	84	8	8
Urbanização	0	12	8	76	24	0
Solidariedade	37	44	1	69	31	0
	37	44	9	69	31	0

<sup>1</sup> No Anexo D, agrupamos os dados percentuais do número 1 e <sup>2</sup> da escala, que indicam prestígio, mantivemos o 3, indicador de valor intermediário, e agrupamos os dados dos números 4 e 5, que indicam estigma.